PROPÓSITOS DA PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Paulo Castagna
http://paulocastagna.com/
Instituto de Artes da Unesp

CASTAGNA, Paulo. Propósitos da pesquisa na universidade. *PETulante*, Revista do PET-Música IA/Unesp, São Paulo, n.4, p.106-116, dez. 2010 / nov. 2011. ISSN 2177-1995.

Introdução

Para alguns de nós, pesquisa é apenas um aborrecimento necessário para ser aprovado por alguma banca, para se obter um diploma ou para se trabalhar em uma universidade. O que eventualmente não percebemos, quando concebemos a pesquisa dessa maneira, é que, independente do que pensamos a respeito, já praticamos essa atividade diariamente - dentro e fora da universidade - e muitas vezes temos com ela uma relação bastante prazerosa. Por que, então, a pesquisa na universidade nem sempre parece tão agradável? Ou será que é agradável e não percebemos?

Universidade e pesquisa

A história da pesquisa está muito relacionada à história das universidades e dos núcleos mais antigos que deixaram alguma herança para as universidades ocidentais, como as academias da Grécia Antiga, os centros religiosos e de ensino da África, do Oriente Médio ou do distante Oriente, tal qual a Universidade de Nalanda (Índia, século VI), a Universidade Al-Karaouine (Marrocos, século IX), a Universidade Al-Azhar (Egito, século X), a Universidade Al-Nizamiyya (Iraque, século X) e várias outras. Como reflexo ocidental da necessidade de conhecimento, as universidades européias foram criadas no século XI e se desenvolveram bastante até o presente. Seus objetivos se modificaram no decorrer do tempo, como atestam Ricardo ROSSATO (2005), Christophe CHARLE e Jacques VERGER (1996), porém as universidades mantiveram alguns objetivos comuns na maior parte de sua história, justamente os mais belos: criar, preservar e difundir conhecimento.

Quando ouvimos as expressões “pesquisa, ensino e extensão”, referidas como fundamentos da universidade contemporânea, percebemos, no fundo, o reflexo de uma onda que se propaga há séculos ou talvez há milênios: a criação, preservação e difusão de conhecimento como necessidade essencialmente humana e sem o qual a manutenção e sobretudo o desenvolvimento da vida tornam-se quase impossíveis.

Nos dois últimos séculos, entretanto, o estabelecimento da civilização industrial acarretou uma grande transformação no modo de vida humano. Foi durante esse processo que Max HORKHEIMER (2007), no livro *Eclipse da razão* (originalmente publicado em 1947), percebeu que na civilização industrial a razão subjetiva se sobrepõe à razão objetiva, ou seja, que o pensamento técnico, que adapta os métodos a objetivos pré-determinados, sem discutir esses objetivos, sobrepuja o pensamento que avalia os objetivos, fixa objetivos e somente então procura os meios para os alcançar.

Em termos mais simples ainda: na civilização industrial recebemos os objetivos já prontos e discutimos apenas os meios para cumpri-los. Assim, nos é solicitado produzir, acumular bens, fortalecer as instituições e desenvolver a indústria, cabendo-nos apenas encontrar as melhores maneiras (ou métodos) para se fazer isso. E quando aceitamos essa proposta, a discussão dos objetivos parece aborrecida, desnecessária, perigosa, subversiva...

As universidades foram obviamente pressionadas pelas corporações para a aceitação desse modelo de vida. Uma parte delas foi cedendo a necessidades mais industriais que humanas e passou a assumir principalmente a tarefa de treinamento profissional para o funcionamento da produção. A partir disso, o abastecimento do mercado passou a ser, em muitas universidades, um objetivo tão freqüente quanto a criação, preservação e difusão de conhecimento. O próprio debate das finalidades vem sofrendo um certo esvaziamento em relação à discussão metodológica. Estudamos metodologia, porém temos algum curso ou bibliografia sobre "objetivologia"?

Na atualidade vivemos em uma confluência de objetivos bastante distintos na universidade, sendo raro não percebermos esse embate entre conhecimento e mercado no interior das próprias salas de aula: treinar músicos para abastecer coros e orquestras, como nos conservatórios do século XIX, ou criar, preservar e difundir conhecimento? Um primeiro comentário em relação a essas duas possibilidades é que não precisamos ter, em relação às mesmas, uma atitude dualista, ou seja, não é preciso colocá-las em situação opositora e escolher apenas uma delas. Certamente há respostas mais criativas e mais estimulantes.

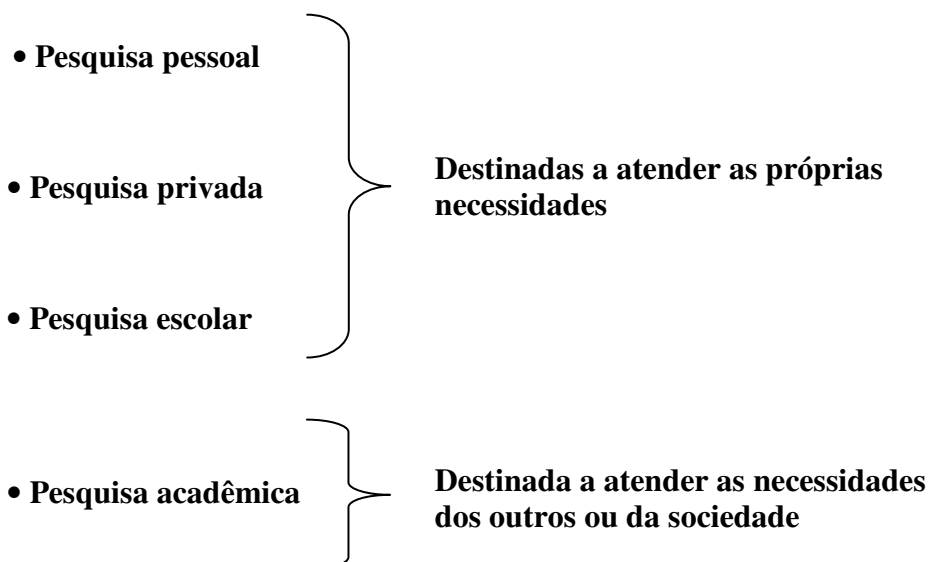
Apesar das enormes pressões da civilização industrial, as universidades ainda tendem a manter, mesmo com muita dificuldade, seus objetivos principais. Isso é claro em nossa própria universidade. Nos *Estatutos da UNESP* (2010), capítulo I, artigo 2º, lemos: "*A Unesp rege-se pelos princípios de liberdade de pensamento e de expressão de desenvolvimento crítico e reflexivo, com o objetivo permanente de criação e de transmissão do saber e da cultura.*" E, convenhamos, a criação, preservação e difusão do conhecimento são a própria essência da universidade e de seu sentido humano; caso contrário ela deixaria de ser universidade e se transformaria em mero curso técnico voltado ao mercado. E vale sempre esta última pergunta, independentemente do que já ocorreu até aqui: queremos isso?

Por que pesquisar?

Para se fazer pesquisa é preciso deixar de praticar nossa arte? É compatível fazer simultaneamente música e pesquisa? Talvez um dos medos em relação à pesquisa seja a crença de que esta inviabilize a prática musical ou artística. Há suficientes casos para perceberemos que tais atividades não são opostas, mas sim complementares. Por outro lado, há uma importante questão a ser esclarecida: o que é pesquisa? Algumas vezes a pesquisa é rejeitada a partir de uma visão ilusória e assustadora do que esta deveria ser, mas em sua essência a pesquisa é uma atividade com princípios bem claros, embora com diferentes (e interessantes) propósitos.

O educador catarinense Pedro DEMO (2009) observa que a pesquisa é um ato que propõe conhecer o universo e, portanto, já é praticada pelas crianças que começam a fazer perguntas e experiências para tentar saber como funciona o mundo interior e

exterior. Quando ingressamos na universidade já sabemos muita coisa sobre o mundo, porém ainda temos necessidade de conhecimento e, muitas vezes, necessidade de levar conhecimento a outras pessoas. É nesse estágio que, de acordo com o Prof. Demo, nos deparamos com dois tipos de pesquisa: a *pesquisa como princípio educativo* e a *pesquisa como princípio científico*. Cabe ao praticante da primeira adquirir conhecimento já existente e ao praticante da segunda expandir ou criar novos conhecimentos para satisfazer novas necessidades.

Modificando um pouco o modelo de Pedro DEMO (2009) e nele incluindo algumas outras categorias, poderíamos admitir um primeiro grupo de atividades, destinadas a atender necessidades próprias: a *pesquisa pessoal* (para a solução de problemas pessoais), a *pesquisa privada* (para a solução de problemas de um grupo, empresa ou corporação) e a *pesquisa escolar* (para a aquisição de conhecimento por meio da pesquisa, ou seja, a pesquisa como princípio educativo). O segundo grupo, equivalente à pesquisa como princípio científico, abriga a *pesquisa acadêmica*, essencialmente destinada a atender as necessidades dos outros ou da sociedade como um todo, porém não apenas as necessidades próprias, característica do primeiro grupo:

Novamente percebemos fortes ecos dessa tendência em nossa própria universidade. O *Código de Ética da UNESP* (2007), no capítulo X (Da pesquisa), item 10.6, afirma, em relação à modalidade acadêmica: "*O pesquisador deve ter em mente a relevância científica e/ou social da pesquisa, prevendo o retorno de benefícios à comunidade científica e à sociedade*." É clara a diferença que a universidade faz da pesquisa acadêmica em relação às demais modalidade de pesquisa, destinadas a atender as próprias necessidades. Por isso lemos, no capítulo X, item 10.5 do mesmo *Código*: "*É eticamente inaceitável que o pesquisador utilize recursos destinados ao financiamento de pesquisa em benefício próprio ou de terceiros ou com desvio de finalidade*."

Vale a pena lembrar que governos, por exemplo, produzem grande quantidade de informações secretas (ou *indexadas*, no jargão governamental), em relação às informações transparentes, e que empresas e corporações produzem quase somente informações para uso próprio e privado. Por isso não conhecemos - e provavelmente não conheceremos - os planos dos exércitos e nem a fórmula dos refrigerantes. Mas é na

universidade que temos a oportunidade de produzir e receber informações de caráter público, ou seja, totalmente transparentes e essencialmente destinadas à sua difusão social.

Especialmente bela, na pesquisa acadêmica, é a transparência em todas as suas etapas: o pesquisador informa ao leitor seus objetivos, métodos, materiais, referenciais teóricos, bibliografia e outras informações para demonstrar o que deseja. A apresentação desses itens não é, portanto, um outro aborrecimento inevitável, mas sim um ato digno de transparência da pesquisa, que nem sempre será encontrada em outras modalidades de investigação. Um fabricante de carros ou de computadores publicaria (ou seja, tornaria pública) a relação de todas as peças usadas, sua procedência, o seu método de conexão, as teorias e outras informações usadas para sua produção? Essa diferença entre segredo e transparência, e entre benefício próprio e benefício social é fundamental para a compreensão do significado e utilidade da pesquisa acadêmica.

A *pesquisa pessoal*, a *pesquisa privada* e a *pesquisa escolar* servem, portanto, para resolver os nossos problemas, durante nossa formação ou nossa carreira: pesquisamos para entender o que ainda não entendemos, para encontrar informações que nos sejam úteis, para encontrar músicas que desejamos ouvir, cantar ou tocar, para escrever nossos trabalhos escolares e assim por diante. A *pesquisa acadêmica*, por sua vez, serve para resolver os problemas de outras pessoas, principalmente da sociedade que mantém a universidade: nessa modalidade pesquisamos para melhorar a eficiência da música na vida humana, para tornar a música mais acessível à sociedade, para aprimorar os métodos de educação musical e outros. Não faz sentido usar a pesquisa acadêmica para resolver apenas problemas pessoais e escolares, sendo para auxiliar esse discernimento, entre outras razões, que existem orientadores, pareceristas e bancas examinadoras.

Compreendemos melhor, agora, o significado do capítulo II (Dos princípios comuns), item 2.6-e do *Código de Ética da UNESP* (2007), o qual afirma que cabe aos membros da universidade, entre outras tarefas, "*prestar colaboração ao Estado e à sociedade no esclarecimento, na busca e no encaminhamento de soluções em questões relacionadas com o desenvolvimento científico, cultural, social e econômico, respeitada a dignidade do ser humano e a biodiversidade*". O pesquisador acadêmico pesquisa para o outro e não para si próprio. Quem, na universidade, pesquisa apenas para a acumulação de poder e benefícios próprios perde a finalidade básica da pesquisa acadêmica e, com isso, perde o sentido de sua própria função na universidade.

Em resumo, há, na universidade, espaço para qualquer tipo de pesquisa, desde que saibamos quais são as finalidades, atribuições e limites de cada modalidade. Usar a pesquisa acadêmica para resolver apenas os próprios problemas seria tão desastroso quanto assumir um cargo público para apenas receber o salário. A sociedade que financia a universidade espera, ao fazer isso, que os profissionais nela formados possam resolver os problemas que motivaram a própria sociedade a investir na criação, manutenção e desenvolvimento da universidade. Receber essa tarefa não é um aborrecimento e sim um privilégio. Recebê-la e usá-la apenas em benefício próprio é, inicialmente, um desperdício, mas principalmente um desvio de sua finalidade básica e, com isso, um desvio de si próprio.

Pesquisa como obrigação ou pesquisa como criação?

Temos dificuldade em realizar pesquisas porque normalmente não temos contato com pesquisas. Ou talvez tenhamos, porém não as aproveitamos suficientemente. Lemos poucos trabalhos de colegas e os discutimos menos ainda. Nessa situação, a pesquisa na universidade se resume à pesquisa escolar e vai se deslocando para a véspera dos trabalhos disciplinares, dos relatórios, dos TCCs e assim por diante. Reproduzimos, assim, uma cultura de pesquisa como obrigação e não de pesquisa como criação. A oportunidade que perdemos, quando eventualmente adotamos essa visão, é a de criar com os recursos de que dispomos, limitando nossa criatividade apenas à zona de conforto e segurança de nosso instrumento, de nossa voz, de nossa composição ou de nossa atuação particular.

Na situação de pesquisa como obrigação, tudo é aborrecimento: escolher o tema, o orientador, a bibliografia, os objetivos, a metodologia... Acabamos, então, escolhendo temas comuns, orientadores descompromissados, livros próximos, objetivos conhecidos e métodos antigos, optando por quantidade em lugar de qualidade. Jamary OLIVEIRA (1992) afirma que, muitas vezes, as pesquisas "*tentam refazer o já muitas vezes refeito*", ou seja: mais uma análise, de mais uma obra, de mais um autor, por mais um método... Automatismo, falta de sentido, má vontade e repetição, porém com a célebre meta industrial: produção, produção, produção... Quando entramos nesse ritmo, não estamos mais fazendo pesquisa como criação, mas sim como obrigação. Fazer pesquisa por obrigação gera uma relação semelhante a montar carros por obrigação, construir edifícios por obrigação, contar dinheiro por obrigação e, o que é ainda mais perigoso, assistir aulas por obrigação, governar por obrigação, atender pacientes por obrigação, educar por obrigação e fazer música por obrigação.

Divertidas expressões atuais, como "tem que", "não pode", "precisa ser", "devemos fazer", "é assim" ou "não é assim" refletem essa visão de pesquisa enquanto obrigação e não como criação. Poderíamos imaginar Mozart perguntando ao seu professor algo como: "posso compor uma música com humor?" Beethoven perguntando ao seu mestre: "posso começar uma sinfonia com uma dissonância?" Ernesto Nazaré perguntando ao seu patrão: "posso misturar música de concerto com música popular?" Chiquinha Gonzaga perguntando à sua família: "posso ser compositora mesmo sendo mulher?" Paulo Freire perguntando à elite: "posso educar também o povo inculto?" Ao perguntar por meio da expressão "posso?" e mesmo ao responder a essa pergunta, já estou no domínio da obrigação.

A pesquisa criativa está em outro âmbito. Quando a praticamos, as regras e formas tornam-se secundárias, a reflexão é estimulada, a pesquisa nunca nos aborrece, o entusiasmo é visível, o sono e o cansaço desaparecem, o assunto torna-se fascinante e a vontade de transmitir seus resultados é irresistível. A pesquisa criativa é mais do que aquisição de conhecimento, é a própria criação de conhecimento, justamente o propósito máximo da universidade. O Pesquisador iraniano Farhang SEFIDVASH (1994) defende a idéia de que "*As universidades devem desenvolver mentes criativas para resolver principalmente os problemas do futuro das sociedades e da humanidade. Ela, se executa seu papel verdadeiro, tem um efeito transformador na sociedade.*" A universidade não é, portanto, um espaço de mera repetição e transmissão de informações prontas, mas sobretudo de geração de conhecimento, ato tão fascinante quanto socialmente relevante.

É fácil perceber quando uma pesquisa é criativa. Começar entendendo a pesquisa pessoal é mais simples: como é agradável encontrar um *site* novo na internet, uma partitura que se estava procurando, o *e-mail* ou o *perfil* de alguém que não víamos há muito tempo. Como é prazeroso desvendar o funcionamento de um *software*, a forma de operação de um telefone celular ou o comando de um novo computador, usando ou não o manual. Daí para frente os exemplos podem ficar cada vez mais complexos, mas seguimos reconhecendo quando a pesquisa é criativa: do usuário ao criador de um *software*, daquele que encontra a tese procurada para aquele que a escreve, a criatividade vai se desenvolvendo, mas pode estar presente no gesto mais simples de quem procura a resposta de uma pergunta do dia-a-dia, ou no trabalho de uma vida inteira destinado a grandes mudanças sociais.

Por outro lado, também é fácil perceber a ausência ou mínima presença de criatividade na pesquisa e a predominância da pesquisa como obrigação. É fácil, pois em geral o pesquisador, a partir desse ato, compartilha com seu público sua visão de pesquisa: um texto produzido de forma aborrecida geralmente será lido de forma aborrecida, ou sequer lido, como é freqüente. A pesquisa criativa, entretanto, gera interesse, diálogo e difusão. Quem se emociona com o texto que escreveu pode esperar leitores que também se emocionem ao ler, mas é difícil imaginar que um texto escrito por obrigação possa emocionar alguém. Com esse discernimento podemos reconhecer a criatividade nos mínimos atos de pesquisa e, com isso, aprender a cultivar e a estimular todo tipo de trabalho acadêmico criativo.

Por conta de suas características operacionais, a indústria necessita de ações repetitivas, de obrigação, enquanto um dos aspectos belos da universidade é que ela nos proporciona um espaço diferenciado de criação. Os cursos de arte são ainda mais privilegiados, uma vez que a arte é, por excelência, uma atividade criadora. Por que, então, com todas essas circunstâncias favoráveis, somadas à gratuidade do ensino nas universidades públicas e a muitos outros benefícios sociais e econômicos oferecidos pelas mesmas, trocamos a criação pela obrigação? E se o fizemos, é possível reverter esse processo?

Criatividade versus Corrida Armamentista

Foi Thomas C. SHELLING (1966), após os momentos mais dramáticos da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, conflito que incluiu a crise dos mísseis nucleares em Cuba (1962), o autor que nos deixou uma idéia fundamental para compreendermos algumas das razões que nos levam à perda da criatividade. Para Shelling, em seu livro *Arms and Influence*, os conflitos bélicos envolvem maior barganha de poder antes da deflagração da guerra do que no próprio campo de batalha, o que o levou a formular o conceito de "corrida armamentista" (*arms race*): uma competição sem objetivo absoluto, mas com o objetivo relativo de terminar à frente do outro competidor (ou dos outros, quando houver mais de um). De acordo com Shelling, quando um dos grupos em conflito se arma mais do que o outro, este tende a se armar ainda mais, o que estimula o primeiro a aumentar o seu armamento e assim sucessivamente.

O que perceberam os pesquisadores da *teoria dos jogos* (*game theory*) - campo da matemática que investiga situações estratégicas nas quais jogadores optam por

diferentes ações em busca do melhor resultado - é que a "corrida armamentista" de Thomas Shelling não é apenas uma estratégia governamental exclusiva das grandes guerras, mas sim um padrão de comportamento comum ao dia-a-dia de qualquer ser humano: quando sentimos algum tipo de perigo por parte de um suposto oponente, mesmo que isso seja ilusório, uma tendência instintiva nos leva a tentar sobrepujá-lo pelo acúmulo de "armas", físicas ou simbólicas, como dinheiro, roupas da moda, amigos, prestígio social, etc.; no meio musical tais símbolos são encontrados sob a forma de virtuosismo, valor e antiguidade do instrumento, número de pessoas na platéia, número de obras, gravações ou concertos; por fim, no meio acadêmico, essa corrida se faz por meio de títulos, cargos, teorias, livros e informações colecionadas e pela própria produção bibliográfica.

O fato é que, se nos deixarmos tomar pelo medo do mercado, da concorrência, dos oponentes, das condições físicas ou da própria idade, mesmo que tudo isso seja ilusório, entramos em corrida armamentista contra os agentes que supostamente nos ameaçam e, nessa espécie de batalha, deixamos de lado a criatividade. Tocar, cantar ou compor perfeitamente, sem erros, sem personalismos, a partir de técnicas consagradas, freqüentemente gera poder diante de um presumível oponente, porém reforça a padronização e afasta a criatividade na medida em que esse processo se intensifica.

No campo intelectual, a posse ou desenvolvimento de "ferramentas" intelectuais de maior projeção podem elevar o pesquisador para algumas posições acima, em um hipotético *ranking* acadêmico, porém deixa os objetivos absolutos em segundo plano. Como resultado da corrida armamentista no universo intelectual, são comuns a perda dos propósitos iniciais da pesquisa, a excessiva e desnecessária erudição, bem como a excessiva e desnecessária especialização, as quais tornam-se os fins relativos a serem alcançados. A eficiência em tais fins relativos muitas vezes elimina a concorrência, porém proporciona o esquecimento dos objetivos absolutos, ou seja, o ensino, a difusão de valores, a solução de problemas ou as necessárias transformações.

Ao meu ver, é a concorrência - real ou imaginária - e a corrida armamentista que nos fazem preferir os métodos mais famosos em lugar dos métodos mais eficientes, os autores consagrados em lugar dos autores novos, os caminhos já trilhados em lugar dos caminhos recém-abertos, o impacto de nossas idéias em lugar do seu significado, a quantidade em lugar da qualidade, a produção em lugar da transformação e, conseqüentemente, a obrigação em lugar da criação.

É possível sair desse ciclo vicioso? Claro que sim. Para isso é necessário apenas diminuir a ação negativa sobre os supostos oponentes e aumentar a ação positiva sobre si, ou seja, transitar da oposição às circunstâncias (medos, concorrentes, adversários) para o próprio desenvolvimento; transitar da negação do que não se quer ser, para a afirmação do que se deseja ser. Quem investe conscientemente no próprio desenvolvimento não é tão afetado pelas circunstâncias quanto aqueles que estão decididamente voltados à corrida armamentista. Desenvolver a si próprio já é ser criativo e ser criativo é também desenvolver-se.

Valores da pesquisa acadêmica

Quando passamos a considerar seriamente a pesquisa acadêmica como atividade criadora, nos deparamos com alguns valores que a ela são próprios e que nos ajudam a

compreender seu significado e sua finalidade, pois que, sem estes, a pesquisa nem seria acadêmica. Obviamente há muitos valores associados a esse tipo de pesquisa, mas destaco aqui os seguintes:

1. Relevância
2. Clareza
3. Ética
4. Honestidade
5. Confiabilidade
6. Ampliação pessoal, acadêmica e social do conhecimento
7. Aplicabilidade pessoal, acadêmica e social do conhecimento obtido

Aqui está, em minha opinião, uma parcela significativa da beleza na pesquisa acadêmica. Não são em todos os setores da vida que encontramos relevância, clareza, ética, honestidade, confiabilidade e outros valores. Pelo contrário, tais valores estão ausentes na maioria deles: os produtos que consumimos são sempre relevantes? As informações que recebemos dos outros são sempre claras? As relações que o mercado nos propõe são sempre éticas? Os serviços que nos prestam são sempre honestos e confiáveis? A pesquisa acadêmica, quando adota fortemente esses valores, além da criatividade e transparência, propõe uma relação predominantemente humana entre o pesquisador e a sociedade, diferentemente do que se observa na relação entre a sociedade, a indústria e os governos. A pesquisa acadêmica é bela por estar apoiada em valores humanos e não apenas em valores profissionais, institucionais, mercadológicos ou industriais.

Concluindo? Por mim não...

Pesquisar, de forma criativa, fundamentada em valores humanos, é uma atividade extremamente prazerosa, divertida, socializante, realizadora. Seja qual for a pesquisa e sua finalidade - do esclarecimento do significado de uma palavra na *internet* até a elaboração de uma tese de doutorado - a pesquisa é uma oportunidade de altíssimo valor humano, para muito além da repetição cultivada no âmbito industrial. A pesquisa, sobretudo acadêmica, pode nos dar uma ligação orgânica com a sociedade, com a universidade, com o mundo e com o próprio universo - mesmo que estejamos temporariamente sentados em frente a um *desktop* - se conseguirmos colocar nela os valores humanos que caracterizam as pesquisas voltadas à criação, preservação e difusão do conhecimento como necessidades da vida. Pesquisar é humano e libertador, é um facilitador do próprio desenvolvimento. Pesquisar é agradável e prazeroso. Pesquisar é o maior barato.

Referências bibliográficas

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. *Historia das universidades*. São Paulo: Unesp, 1996.132p.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Atta Mídia e Educação, [2009]. DVD, 40 minutos. (Coleção Educação pela Pesquisa)

HORKHEIMER, Max. Eclipse da razão. 7. ed., São Paulo: Centauro, 2007. 192p.

OLIVEIRA, Jamary. Reflexões críticas sobre a pesquisa em música no Brasil. *Em Pauta*, ano 4, n.5, p.3-11, jun.1992.

ROSSATO, Ricardo. *Universidade: nove séculos de história*. 2. ed., Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005. 264p.

SEFIDVASH, Farhang. Propósito do ensino e pesquisa na universidade. XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA (COBENGE 94). 24 a 27 de outubro de 1994. Porto Alegre: Escola de Engenharia da UFRGS. Disponível em: http://www.sefidvash.net/publications/79)%20Proposito%20Do%20ensino%20e%20Pesquisa%20na%20Universidade%20.pdf

SHELLING, Thomas C. *Arms and Influence*. Yale: Yale University Press, 1966. 303p.

UNESP - Universidade Estadual Paulista. *Código de Ética*. Dezembro de 2007. Disponível em: http://unesp.br/secgeral//mostra_arq_multi.php?arquivo=5192

__________. *Estatuto da Unesp*. Versão de 3 de novembro de 2010. Disponível em: http://www.unesp.br/servico/estatuto_unesp_nov2010.pdf